



ARTISTAS PARISIENSES: Mademoiselle Bonneville

(«Cliché» Henri Manuel).

Lisboa, 19 de Junho de 1916

II série — N.º 539

Assinatura para Portugal,
colonias portuguesas
e Hespanha: *Trimestre 1\$20* ctv.
Semestre 2\$40 „
Ano 4\$80 „
Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e officinas: Rue do Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Já se descobriu finalmente o Segredo do Poder Misterioso

Como as pessoas eminentes chegaram a vencer a riqueza e a fama

Um método simples que habilita qualquer pessoa a subjugar os pensamentos e os atos de outrem, curar molestias e hábitos sem a necessidade de recorrer ao emprego de drogas ou remédios quaesquer, e adivinhar os desejos mais íntimos de pessoas, ainda que estejam leguas distantes

Um Livro Extraordinário descrevendo esta Força exquisita, e uma delineação do carater, é enviado gratis pelo correio a todos logo a receção d'um pedido

O Instituto Nacional das Ciências empregou 30:000\$ (fortes) 90:000\$ (fracos) com o fim de poder distribuir gratuitamente o novo livro intitulado «A Chave do desenvolvimento das Forças Íntimas». O livro expõe claramente muitos factos assombrosos relativos aos Voges Orientaes, e explica um método extraordinario para o desenvolvimento do



Magnétismo Pessoal, de Poderes Hipnóticos e Telepathicos, e para a cura de mo estias sem a necessidade de recorrer ao emprego de drogas ou remédios quaesquer. Também trata a fundo de assuntos referentes ao conhecimento do carater, e o autor descreve um Método simples de se poder seguramente conhecer os pensamentos e os desejos mais íntimos de outrem, ainda que estejam leguas e leguas distantes uns dos outros. Basta a chegada constante de pedidos de exemplares do tal livro e das delineações do carater para provar o interesse universal pelas Ciências Psicológicas e Ocultas.

«Tanto os ricos como os pobres aproveitam pelo ensino deste novo Sistema», diz o Professor Knowles, «e aquele ou aquela que quer alcançar ainda mais o sucesso não tem que fazer senão seguir atenciosamente as regras expostas com tanta simplicidade.» Não ha ouvida nenhuma de que muita gente rica e afamada deve o seu successo ao Poder da Influencia Pessoal, porém a maior parte do povo tem permanecido ignorante desses fenomenos; por consequente, o Instituto Nacional de Ciências empreendeu o dever, um tanto difficil, de distribuir por toda a parte do mundo, sem distincção de class: ou de religião, as informações que até ahí só eram conhecidas por poucas pessoas. Além de fornecer os livros gratis, a cada pessoa que escrever, será também enviada uma delineação do carater, composta de 400 a 500 Palavras, arranjada pelo Professor Knowles.

Querendo um exemplar do livro e da Delineação do Carater pelo Professor Knowles, tudo escrito em portuguez, basta copiar e enviar ao Professor as linhas seguintes (escritas pela propria pessoa):

«Quero dominar o espirito,
Ter atracção no meu olhar;
Queira ler o meu carater
E enviar-me seu exemplar.»

Queira também enviar o seu nome e endereço por extenso (dizer se é solteiro ou solteira, casado ou casada), que a letra seja legivel e dirigir a sua carta ao: National Institute of Sciences, Dept. 5507 D., N.º 258, Westminster Bridge Road, Londres, S.E. Inglaterra. Querendo cobrir a verba de portes, pode-se enviar (em selos do seu proprio paiz) 15 centavos sendo de Portugal, ou 500 réis fracos sendo do Brazil. A correspondencia será em portuguez.

Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

CHA HORNIMAN

EM PACOTES

UM SECULO DE EXITO UNIVERSAL

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a \$1000 reis, 2\$500 e 5\$000 réis

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaiia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã). Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações espezias de qualquer qualidade de papel de maquina contínua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.—Escritorios e depositos:

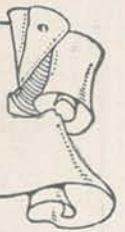
LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, Rua de Passos Manoal, 51

Enaereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.** Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Reis.....	950.310\$000



Lord Kitchner de Kandahar

A Inglaterra, que já em plena guerra perdeu o seu melhor tático, lord Roberts de Kharthum, acaba agora de sofrer um rude golpe com a desapareição do seu mais notavel organisador militar, «lord» Kitchner de Kandahan. Esse general sobrio e agreste, de decisão mecanica e concisa, foi, na realidade, um Chefe. A ele deve a Gran Bretanha a vantagem de ter n'este momento um consideravel exercito. Essa tarefa de transformar, em curtos mezes, uma multidão heterogenea n'uma força disciplinada e proveitosa,— é a maior, a mais ardua tarefa de que póde orgulhar-se um homem. «Lord» Kitchner operou esse formidavel milagre. Antes de ser um oficial de gabinete, foi um oficial de campo. Fez a campanha do Afghanistan onde ganhou o seu mais belo titulo; fez a do Transvaal. Teve uma bela e nobre vida de soldado coroada por uma nobre morte de soldado. Teve a suprema felicidade de ser util ao seu paiz. Deveu á Inglaterra toda a sua grandeza, mas a Inglaterra deverá sempre a ele toda a sua resistencia.

Águias

Houve uma complicada questão d'águias que só remotamente chegou aos jornaes. De tudo isto apenas se apura uma queixa á policia e um anuncio explicando que a águia da «Mundial» é muito



simplesmente uma águia napoleonica e de modo nenhum um emblema germanico. Caso nefando é este! E' pois uma águia pintada (notem, meus amigos, que nem sequer é viva ou mesmo empalhada!) um abominavel caso de traição. Quer-me parecer, todavia, que não ha unicamente no mundo a águia imperial alemã. Tenho a ideia de me terem ensinado, nos meus remotos tempos d'instrução primaria, que o simbolo da Confederação americana é uma águia; nas armas do Perú existe uma águia; é anemica, bem sei, mas existe. No escudo da Queensland lá está instalada uma águia. Finalmente, todos nós trazemos— e na algibeira, santo Deus!— uma águia, uma formidavel águia empolgando o globo: é na tampa das caixas de fosforos. Aqui temos pois exóticos paizes e a Companhia dos fosforos manifestando d'uma forma clara e evidente; nitidas afinidades germanofilas! E' horroroso!...

A hora legal

Uma amigo meu gastou duas horas a explicar-me as vantagens d'esta nova hora que todos estamos disfrutando. Eu não percebi. Deu-me um sem numero de razões concretas, falou-me do carvão, do calendario, das fabricas da Covilhã e da eclipica. Abandonei-o para não entrar em franca

idiotia. Mais adiante encontrei um outro amigo. Esse rugia, clamava contra o avanço de sessenta minutos, considerava-o a mais intempestiva de todas as medidas. Sorri-lhe agradado— e ia rugir



tambem quando resolvi acolher-me ao prudente silencio que compete a um homem d'habititos disciplina-dos. Considerei-me mesmo, meus queridos, o mais feliz dos governados e, subindo a rua do Ouro, revolvía com delicia a minha ventura. Porque, emfim, os relogios podiam ser adeantados duas horas e devemos considerar como

um caso de rara felicidade que o sejam apenas uma. Do mal o menos. De resto a diferença resolve-se por ligeiro trabalho mental. Quando puchar pelo relógio e constatar que é meio-dia, concluo imediatamente que é meia-noite— e meto-me na cama.

S. João

Foi na cidadela de Makeros, na Palestina, ha dois mil anos. O Baptista gemia no ergastulo. Em cima, perante o Tetrarcha, as bailadeiras da Phenicia ensaiam as velhas danças d'Antiochia envoltas em «gazes» de Tyro. E' então que entra Salomé pela mão de Herodiada. E para a ver dançar, para a possuir, Herodes promete todo o ouro do Templo, as veigas placidas do Tiberiade, Samaria branca refulgindo

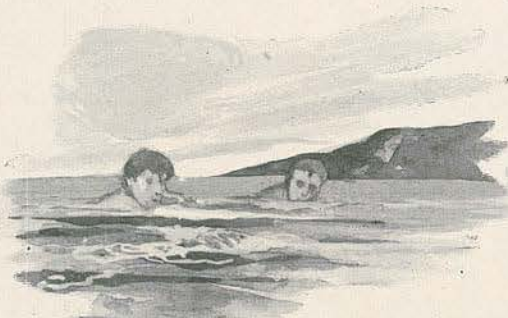


ao sol, todo o pomar do Saaron. Mas ela apenas quer a vida do Santo e n'um momento, n'uma larga travessa de prata, pingando sangue, um escravo traz a cabeça de Iokonan, atira-a, exangue, a Salomé que dança nua e esplendida. Foi assim que morreu o meu devoto S. João, na hora placida em que se acendem lumes no espaço, ha dois mil anos, na Terra Santa. E no ceu polytheista das nossas crenças, por esse passageiro martyrio, ficaste, meu devoto S. João, eterno no ouro das fogueiras, eterno na clara noite de verão, tão portuguez, tão soberbamente portuguez, que hei-de sempre sentir por ti uma afetuosa ternura intima, meu velho S. João...

MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

BANHO PERIGOSO



N 'AQUELAS tardes tépidas de Agosto, os dois eram sempre certos ali, ás 5 horas da tarde, para tomarem o seu banho. Não era este banho que mais parece uma infusão desconsolada para remedio, ou uma chapinhagem nervosa, mas um banho tonificante de verdadeiro sport. Nadavam ao desafio, chegando a afastar-se mais de uma milha da costa.

O sítio era longe da vila e ermo. Raras vezes se via por ali um espectador d'aqueles prodigiosos exercicios de natação. Não havia praia. Era um velho caes ao abandono, com uns degraus de granito cavilhados e outros talhados na rocha. Junto d'elles o mar era profundo de umas cinco braças e tão limpo que se viam os peixes a cirandarem lá em baixo.

N'aquella tarde o banho de Mateus e de Rogerio tinha duas testemunhas: um velho, que pescava á cana n'uma saliencia da rocha, e o cão de Mateus, que tinha ao mar um horror que o dono nunca fôra capaz de vencer. Mal os dois se atiraram á agua, o *Valente* enroscou-se sobre o caes com o focinho muito estendido na direção em que eles nadavam, ficando-lhes de guarda á roupa.

Na vespera haviam-se apanhado uns cachalotes, cujo destouchamento deixou grandes nateiros de sangue e de gorduras na superficie das aguas remançosas. N'essas occasiões não ha bicho voraz que não saia das cavernas sub-aquaticas ou não suba das profundezas, atraído por aquele engodo irresistivel. Embora a operação tivesse sido feita a grande distancia e não chegasse ali nada de *farium* tão perigoso, Rogerio, a certa altura, insistiu com Mateus para viarem á terra. Como este levasse o caso de gracejo e á conta de medo pueril, o outro voltou para o caes. Enxugou-se, vestiu-se, e o amigo ainda por lá a bracejar despreocupadamente, até que o frio entrou com ele.

Ao aproximar-se da rocha, chamou pelo companheiro com a voz um tanto alterada. Rogerio, que estava por momentos absorto na paciencia do pescador, cuja cana não dava o menor sinal de peixe, estremeceu á voz do amigo e, n'um pronto, abeirou-se do caes.

— Que tens tu, Mateus?

— Creio que venho seguido por algum peixe. Já por duas vezes senti roçar n'uma perna uma coisa aspera. Anda, vê se descobres o que é!

— Aproxima-te um pouco mais. De vagar, não espadanes muito a agua... Espera... Tem coragem... E'... é um tubarão!

Mateus limitou-se a soltar uma exclamação de horror. Era, efetivamente, um respeitavel esqualo, que se reconhecia logo, atravez da rara transparencia da agua, pelo corpo fusiforme, cabeça chata, focinho alongado e cauda em forquilha. Quando o pobre rapaz deixou de nadar, conservando-se verticalmente, equilibrado pelos indispensaveis movimentos de pernas e braços, o terrivel peixe começou a girar pachorrentamente á volta d'ele, como as feras que teem a vitima certa e que a fome não aguilhôa muito. E' uma das particularidades curiosas da vida do tubarão. O bicho vinha ainda de certo enfartado com algum tassalho indigesto de cachalote.

Mas nem por isso a situação era menos desesperada. A vida de Mateus estava por um fio. Duas ou

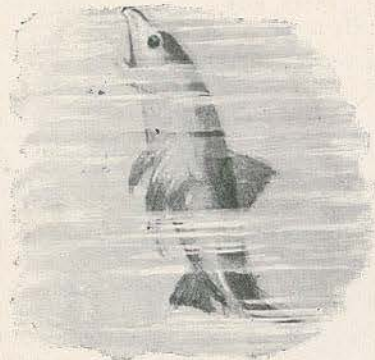
tres vezes tentou o desgraçado aproximar-se dos degraus do caes, onde o amigo se debruçava para o puxar com os seus braços vigorosos; mas o esqualo apertava-lhe as voltas e sentia-se que lhe ferraria as tremendas mandibulas, com as suas seis fiadas de dentes cortantes, se ele fizesse menção de sair da agua.

A serenidade corajosa dos primeiros momentos abandonou-os por fim. Rogerio chorava como uma creança e nas faces de Mateus estampára-se a lividez da morte. Chegaram a soltar gritos tão fortes, que o velho pescador largou a cana para vir vêr do

que se tratava. O *Valente*, apenas deu pela aflicção do dono, começou a uivar e a agitar-se como doído, de um lado para o outro, retido pelo medo de se arremessar á agua.

— *Valente*, meu pobre *Valente!* exclamou Mateus n'uma suprema angustia.

— Ao ouvir o estranho tom com que o chamava o dono, o cão forma um pulo e, sem hesitar, lança-se ao mar, mergulhando a umas 4 braças d'ele. Ma-



teus soltou um grito de pasmo e de comiserção, e Rogerio não despregou os olhos anciosos do ponto onde o animal mergulhara, não tardando que as ondas concentricas que n'ele se formaram se desfizessem outra vez n'uma superficie serena, sem que o Valente voltasse acima. Voltou, é verdade, uns segundos depois, mas n'uma triste massa informe, ensanguentada, a que o reduziram as mandibulas inexoraveis do tubarão.

Tudo isto se passou com tanta rapidez e tal assombro dos dois rapazes, que nenhum d'elles teve tempo de aproveitar essa distração do maldito peixe para sairem d'aquelle lance mortal.



Perdiam, coitados, a unica esperança que lhes raiara com a fugacidade de um meteoro. O tempo não fora muito; mas tinha sido o suficiente para Rogerio arrancar o amigo á morte, se os dois não tivessem já a cabeça completamente perdida.

O pescador chegara ao caes justamente ao terminar esta cena de um drama tão singular. Com um relance de olhos examinou a situação. Fez um gesto tranquilizador a Mateus, que pareceu cobrar algum animo. Rogerio tambem se pôz a olhar para essa figura simpatica de velho com uma comocão indizível. Viria d'ele a salvação? Quem o sabe!

O pescador, com um desembaraço que ninguem lhe supunha no seu andar pesado, foi-se ao monte da roupa de Mateus, revolveu-o e acabou por lhe tirar as ceroulas. Atou-lhes bem as extremidades das pernas com os respétivos nistros, meteu em cada uma d'elas uma pedra e suspendeu-as pelo cós. Chegou-se depois para a borda do caes. Ordenou a Rogerio que descesse até ao degrau coberto pela agua e fez sinal a Mateus para se aproximar devagarinho do caes, recomendando-lhe que, apenas gritasse «Salva-te», ele, em duas guinadas, alcançasse a terra dando as mãos a Rogerio.

Depois de se deter um pouco a espiar os movimentos do esqualo, imprimiu dois balanços ás ceroulas, arremessando-as o mais longe que poude. Graças aos pesos que levavam, a sua queda produziu ruido sobre a agua, onde se afundaram imediatamente. Houve então um momento de cruciante incerteza. O proprio pescador, com os olhos esgaseados para o mar e os braços estendidos na atitude de quem procura conjurar uma desgraça, estava visivelmente comovido.

—Salva-te!— gritou ele, emfim, com uma força de voz que reboou ao longe pela rocha.

Com efeito, o peixe, ao sentir o baque de um corpo estranho na agua, hesitou um momento em deixar tão boa presa por outra; mas, por fim, a curiosidade venceu-o, largando atraz d'ela. Foi quando o pescador soltou o grito, e não mediaram 30 segundos que os dois amigos não caissem nos braços um do outro, apertando-se muito, muito, e por muito tempo, sem poderem pronunciar palavra. O velho, com as lagrimas nos olhos, retirou-se para o seu pesqueiro, deixando-os assim abraçados, sem que dessem pela sua retirada. Não tinha, porém, dado uma duzia de passos quando ouviu chamar:

—Tio João, tio João, não se vá embora!

—Nada, respondeu ele; quero vêr se aproveito este resto de dia, porque ainda não tenho nada para a ceia da mulher e dos netos, que já não teem pae nem mãe.

E Rogerio foi buscal-o pelo braço em quanto Mateus se vestia, abraçando-se-lhe depois os dois com uma ternura e um reconhecimento indescritíveis.

—Olhe, tio João, disse este ultimo, puxando um saquinho de malha com dinheiro; faça favor de aceitar para a ceia de seus netos, que o ganhou bem; e nunca se esqueça, nas horas adversas, de que tem em mim desde hoje um verdadeiro amigo.

—Tambem eu o quero ser! exclamou vivamente Rogerio, entregando ao pescador uma libra em ouro com a tocante naturalidade de quem dá uma lembrança a um amigo.

O velho tanto ria como chorava, vendo-se de um momento para o outro com ouro, como nunca juntara em dias da sua longa vida.

—E diziam-me, monologava ele afastando-se comovido dos dois rapazes, que não viesse pescar



aqui, porque era um sitio excomungado para peixe!... Pois, nunca fiz pesca que me desse tanta alegria e tanto dinheiro para levar á mulher e aos pobres netos!

Floreano.

A Festa da Flôr



Ha muito que em Lisboa se não faz uma festa tão linda, tão imensamente concorrida, tão cheia de entusiasmo e de novidade, festa em que portuguezes e representantes de nações amigas confraternisaram de uma fôrma comovedora sob o mesmo ideal de estima e de auxilio reciproco. A festa da flôr, iniciada entre nós pelo *Seculo*, nos dias 11 e 12, no jardim da Estrela, graças



à generosidade e aos jardins inexauríveis dos srs. Moreira da Silva, do Porto, talvez os mais importantes horticultores da península, pode considerar-se implantada em Portugal, porque realmente não ha nenhuma de melhor gosto para nos proporcionar algumas horas de delicioso convívio e de confortante prazer espirital, nem mais apropriada a fins patrio-



1. A sr.^a ministra de Inglaterra, tendo á direita o sr. ministro e o sr. José Silva Graça, e á esquerda madame Silva Graça e «miss» Mascarenhas. Na frente do illustre ministro de Inglaterra vêem-se seus interessantes filhos.—2. O sr. Albano Moreira da Silva tendo á sua direita seus Irmãos, a sr.^a D. Ermelinda Moreira da Silva e Joaquim Moreira da Silva, e á esquerda sua esposa a sr.^a D. Ana de Carvalho e Silva e sua Irmã a sr.^a D. Avellina Moreira da Silva.—3. O chefe do Estado comprando flores na barraca da «Cruzada das Mulheres Portuguezas».—(Clichés Benollet).

ticos e humanitários.

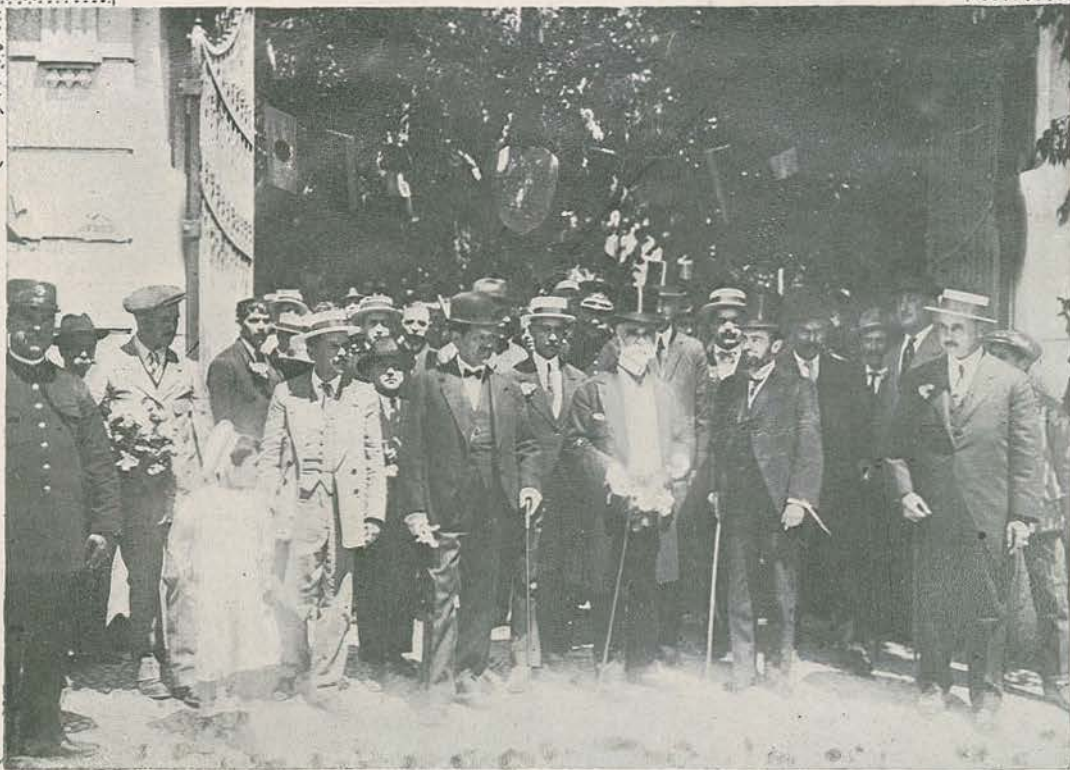
Gentis senhoras e meninas do comitê Anglo-franco-belga e da Cruzada das Mulheres Portuguezas, graciosas atrizes e distintos atores dos nossos primeiros teatros, talentosos alunos da Escola de Musica e da Escola de Arte de Representar, bandas marciaes, bombeiros voluntarios, pupilos do exercito, etc., etc., raras vezes se veem congregados tão variados e importantes elementos, como os que se uniram em volta do *Seculo* para lhe secundarem a sua obra em favor dos feridos da guerra, nossos e



dos aliados. Todos estes esforços, sublimes de espontaneidade, tiveram a animosa presença do Chefe do Estado que comprou e pagou generosamente muitos flôres, do sr. ministro do trabalho e demuitas outras personalidades em destaque no nosso meio.

Uma das notas mais sympathicas e dignas de registro foi a da assistencia dos representantes diplomaticos das nações aliadas. O illustre ministro da Inglaterra, mr. Carnegie, que gosa em Portugal do maior prestigio, pelo interesse que mostra pelo nosso paiz e pela elevação

O sr. presidente da Republica entrando no Jardim da Estrela



sr. presidente da Republica tendo á sua esquerda o sr. Antonio Maria da Silva, illustre ministro do trabalho, e á sua direita o sr. Antonio Maria de Freitas, secretario geral do *Seculo*.

(Clchés Benollet).



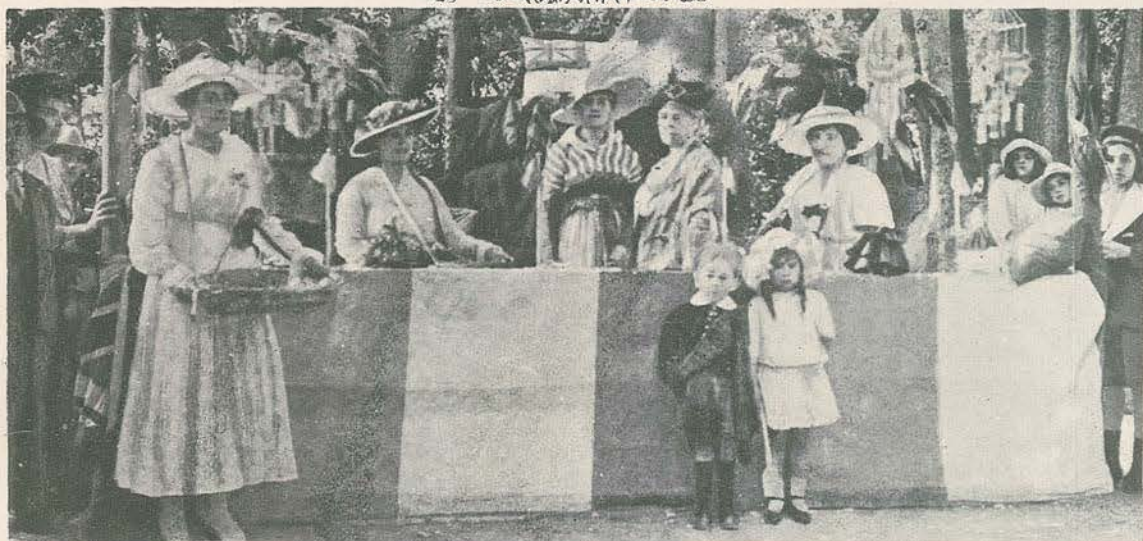
com que representa o seu, também ali se demorou com sua esposa e interessantes filhinhos, percorrendo todo o jardim acompanhado do sr. José Silva Graça, sub-diretor do *Seculo*, examinando tudo com viva atenção e mostrando-se muito satisfeito com tudo que via.

O mesmo aconteceu a mr. Daeschner, ilustre ministro de França, por quem Portugal tem a mais profunda consideração, e cuja esposa e gentis filhinhas com tanta dedicação como torante simplicidade se ocuparam durante horas da venda de flôres.

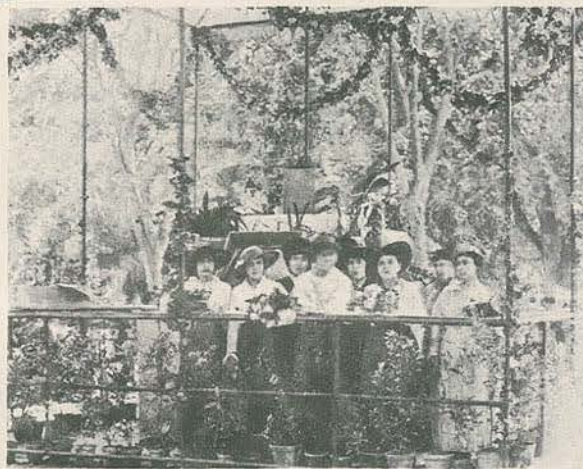
A festa da flôr, promovida pelo *Seculo*, não teve só a vantagem de produzir alguns milhares de escudos para os feridos; teve também o condão de nos fazer estreitar relações espirituaes com os nossos aliados e implantar entre nós um delicioso genero de festas.



1. Barraca do comitê Anglo-franco-belga. Da esquerda para a direita: Mr. Touzet, construtor do pavilhão, madame Possoz, mademoiselle Daeschner, madame Romberg Nisard, mademoiselle Jamet, mesdames Touzet, Montille e Greg, mademoiselle Daeschner, madame Mitchell, madame Daeschner e mesdemoiselles Leghait, Touzet Mitchell.—2. Barraca dos artistas do Teatro Nacional.—3. Barraca dos artistas do Eden-Teatro.—(Clichés Benollei).



A barraca de mrs. Mascarenhas



Barraca do *Secu'o* destinada às senhoras que gentilmente se ofereceram para vender fiôres.



Teatro Guignol — Barraca do «Quim» e do «Manecas»



O ator Henrique Alves recitando

(Clichés Benollei).

PÓRTUGAL NA GUERRA



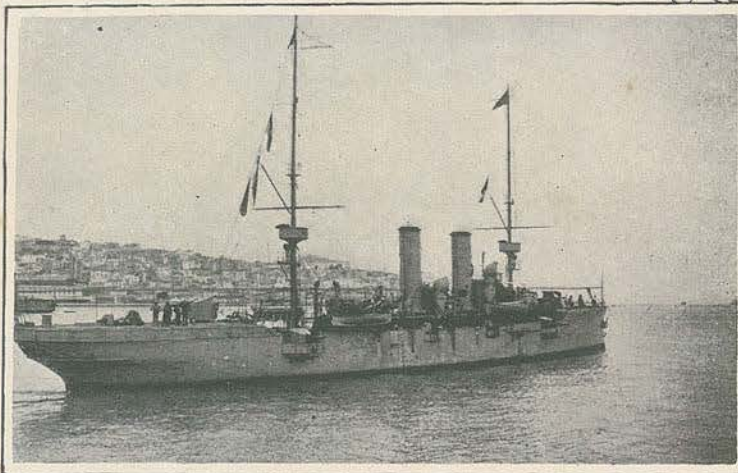
O sr. Freitas Ribeiro, comandante do cruzador *Adamastor*

para o norte do Rovuma, não de ver coroada a sua campanha do mais glorioso exito.

O combate na foz d'aquelle rio foi realmente uma acção digna de registo e que muito enalteceu as tropas de terra e mar que n'ela tomaram parte. O cruzador "*Adamastor*", do comando do sr. Freitas Ribeiro, e a canhoneira "*Chaimite*", do sr. Mansos Preto, foram os dois navios que intervieram na luta, sendo o unico facto a lastimar o aprisionamento do comandante da canhoneira por se ter aventurado a desembarcar na margem com 4 homens apenas.

N'essa margem haviam encalhado duas embarcações pertencentes á "*Chaimite*", e o valente official, mesmo á paisana como estava, resolveu ir

dirigir o seu desenralhe e reconduzil-as para bordo. Mas, apenas desembarcou, contra a opinlão do comandante do "*Adamastor*", que lhe recomendara que levasse uma força, e não simplesmente 4 pretos, estes fugiram ao darem com os alemães, que aprisionaram Mansos Preto, cuja sorte ainda se ignora.



O cruzador *Adamastor*

Se o inimigo, vendo-o á paisana, o tomou como espião e assim o tratou, apesar de ter parlamentarado com os portuguezes sobre o caso, o arrojado official terá pago caro a sua temeridade.



A canhoneira *Chaimite*

O VELHO MUNDO EM GUERRA

A batalha naval travada no Skager-Rack entre a esquadra inglesa e a alemã, em 31 do mez passado não foi só a

maior da atual guerra, excede em importância, não só pelo numero de unidades que n'ela entraram como pela intensidade da luta, as que nos ultimos tempos se tem dado. A victoria coube á Inglaterra, cujos almirantes Jellicoe e Beatty, comandando o primeiro duas poderosas divisões de dreadnoughts e o segundo a esquadra de cruzadores couraçados, provaram mais uma vez brilhantemente quanto o seu paiz sabe manter alto os seus creditos de primeira potencia naval do mundo.

Mas nem todos os navios inglezes precisaram entrar em combate para infligir enormes perdas á esquadra alemã e obrigar-a a fugir. Bastaram 11 couraçados para conseguir tão assinalado triunfo. E todos eles voltaram ao porto, tendo sido apenas avariados o «Masibou-rough» e o «Warsfite», fazendo este ultimo grande brecha na esquadra inimiga.

Os inglezes apenas perderam 3 cruzadores: o «Defence», o «Black Prince» e o «Warrior», que lutou durante 48 horas, e 3 cruzadores de batalha «Queen Mary», «Indefatigable» e «Invincible».

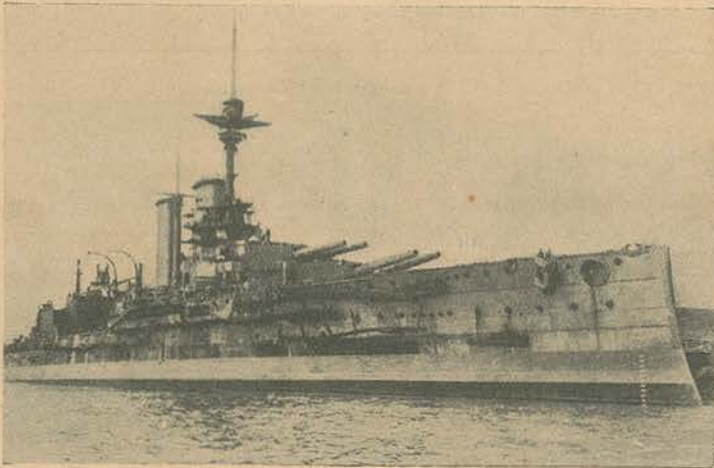
As perdas alemãs foram incomparavelmente maiores a começar pelo «Lutzow», o navio almirante e uma das mais poderosas unidades da marinha inimiga. Afundaram-se tambem o

«Rostoch», o dreadnought «Kaiserin», os couraçados «Pommer», «Hindenburgo», «Westfalen» e os cruzadores «Frauenlob», «Wiesbaden» e «Elbing», além de 9 destroyers e 2 submarinos. Estas são as perdas que os alemães não se atrevem a negar, dando-se como certo que eles perderam 37 unidades. Foi um derrota monumental, não ha duvida, a da marinha alemã, por mais que os seus jornaes e as suas agencias a queiram atenuar. Ha, porém, um facto de ordem moral que não ha fórmula de diminuir de vulto: é o da sua esquadra ter fugido, depois de reconhecer que não podia continuar o combate. E uma grande parte dos navios, que regressaram a portos alemães ou se refugiaram em portos neutros, iam seriamente avariados, sendo poucos os que se possam encontrar em estado de ainda serem reparados e voltarem novamente a combater.

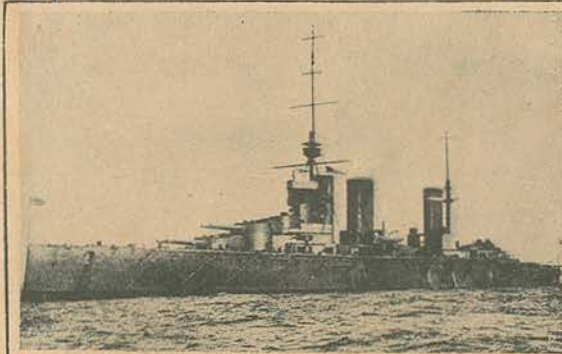
Com mais duas batalhas como esta, a marinha de guerra alemã fica reduzida a um arremêdo do que com orgulho presunha ser.



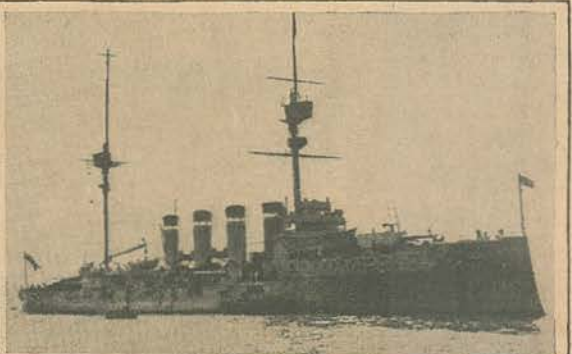
O almirante Inglez Jellicoe



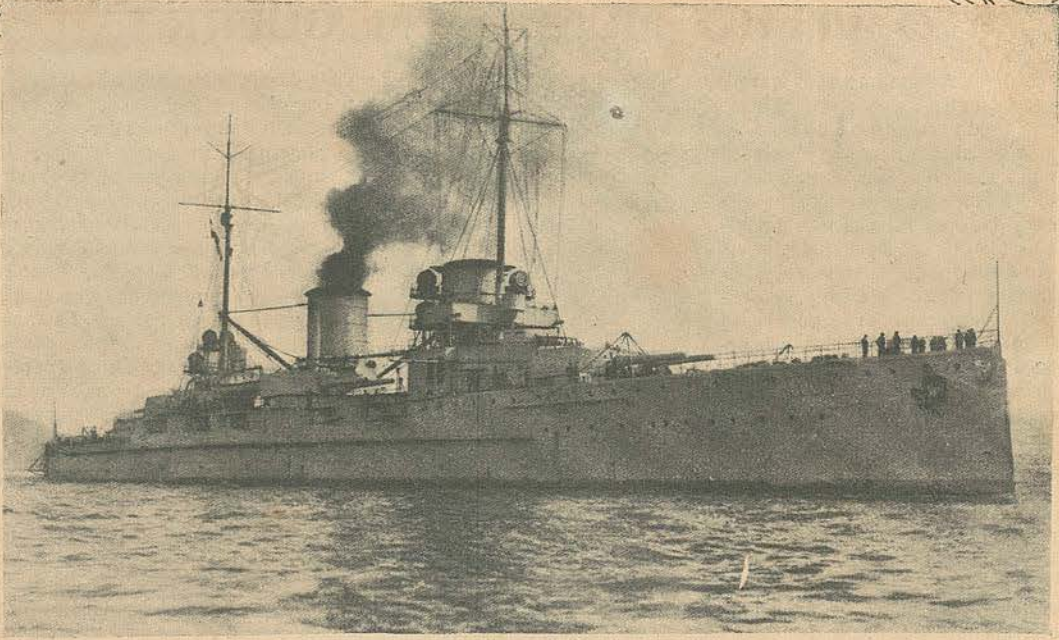
O couraçado Inglez Warsfite



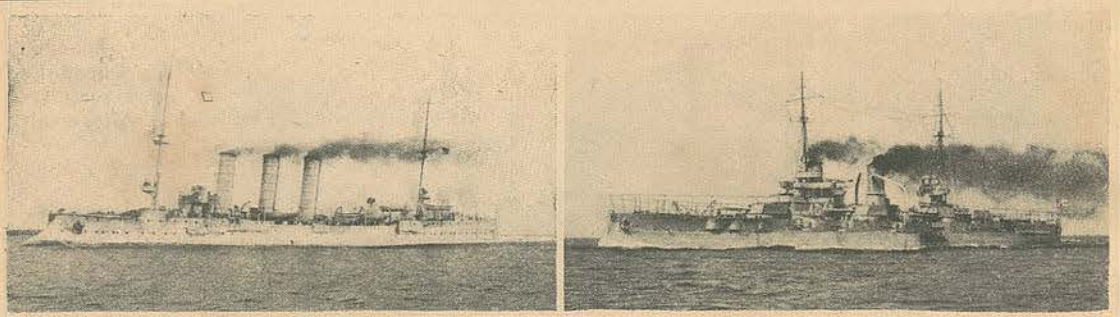
O cruzador Inglez Queen Mary



O cruzador Inglez Black Prince

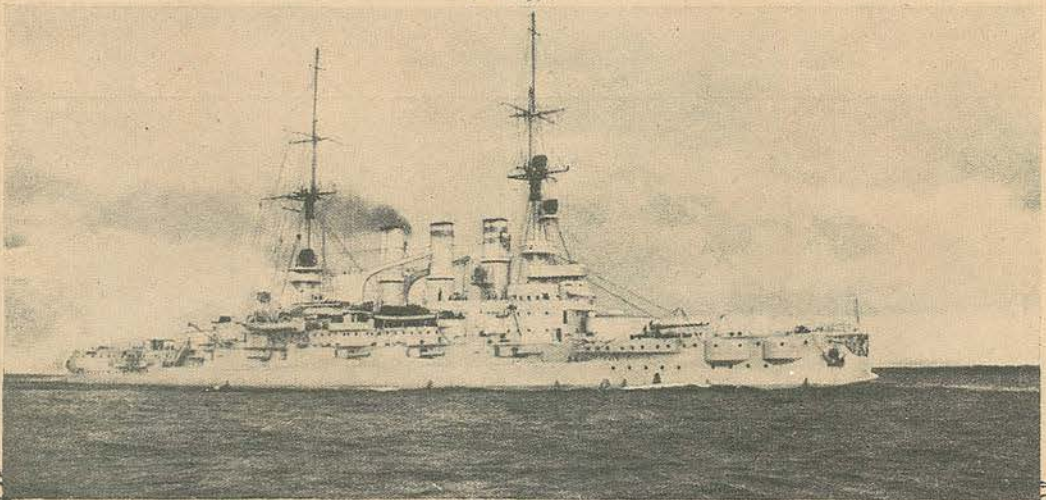


O cruzador couraçado alemão *Lutzow*



O cruzador couraçado alemão *Frauenlob*

O cruzador alemão *Westfalen*



O cruzador alemão *Pommer*



A impudencia e a brutalidade boche

N'uma região em que a luta é constante e de uma violencia inaudita, os barbaros prendem uma mulher e arrastam-na para a prisão. Um oficial, para obter d'ela certos informes, emprega todos os meios priva-

tivos dos alemães desde a corrupção á ameaça brutal, mas só obtem da heroica mulher esta resposta: «Matae-me, se quizerdes; mas eu nunca trairei a minha patria».

(Desenho do nosso correspondente sr. Ferrelra da Costa).



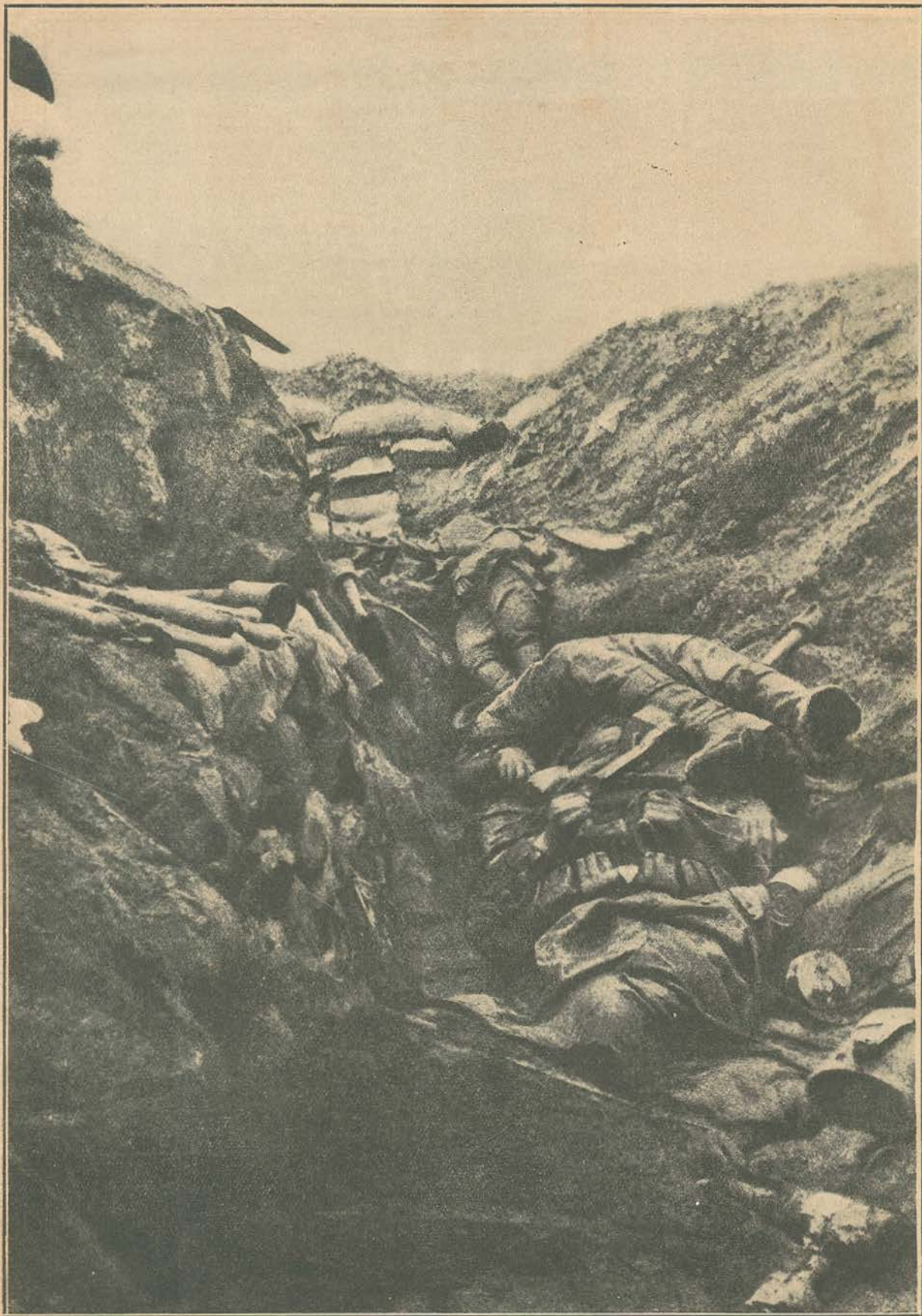
No campo de Lembat, Salonica.—Os generaes Sarrail e Mahon passando revista às tropas na parada feita quando foi condecorado grande general francez com a gran cruz de St. Michel e de St. Georges

(Cliché The Sphere).



Entre a tomada de Erzeroum e a de Trebisonda.—O grão duque Nicolau passa em revista os soldados vitoriosos

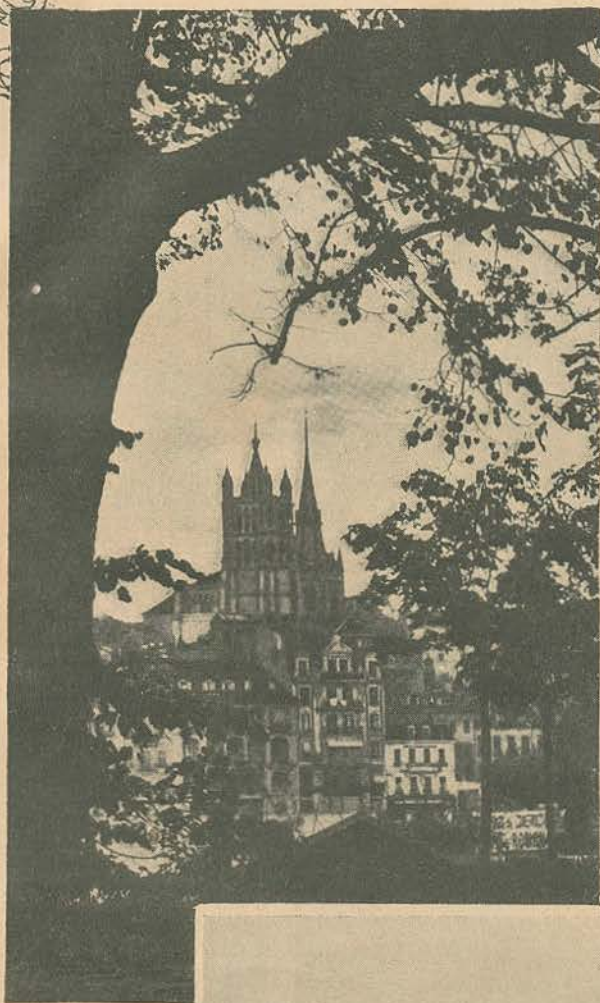
(De L'illustration).



Um elemento de trincheira retomado ao inimigo

(De *L'Illustration*).

O LÉMAN



A catedral, vista de Montreux

Para os lados da Alsacia, a fronteira Suíça é uma fronteira de guerra. A alguns kilometros é a batalha, com toda a sua agitação, todos os seus ruidos, todos os seus horrores. Desde ha dois anos, Bâle acostumou-se a adormecer ao som dos canhões franco-alemães. Pelo contrario, em Genebra, em Nyon, em Lausanne, em Vevey, em Montreux, ao longo de toda a linha do Léman suíço, tudo é calmo, doce, sereno, como nos tempos já distantes em que a Europa vivia em paz.

Do outro lado, as terras da Alta-Saboia marcam a transição. Territorio francez ainda, é comtudo já um territorio neutro. Em Bellegarde, os que passam para Evian, Thonon ou Cha-

monix são sujeitos ás mesmas formalidades aduaneiras que os que entram na Suíça; d'uma margem para a outra do lago não ha barreiras fiscaes; e, para que os suíços não possam ter a sombra d'uma duvida sobre o escrupulo com que a França respeitará as convenções que estabeleceram a zona neutra n'essa sua fronteira sem defeza, o governo d'esta nação determinou que os magnificos hotéis das estações d'aguas que bordam o lago não fossem, como os outros grandes hotéis francezes, aproveitados para hospitaes. Nem mesmo feridos, os soldados penetrarão ali.

Não sei se as margens do Léman podem ser dadas como um bom exemplo da paisagem suíça. Esse lago é na realidade um lago francez, como de resto francezas são as terras que o rodeiam. Entre Zurich, Berne, Lucerna e Lausanne ou Genebra a diferença é na realidade muito mais profunda que entre Lausanne ou Genebra e uma cidade de França. Os habitantes das margens d'esse lago, que já Voltaire dizia ser o mais belo do mundo, pensam e sentem como latinos. Eles sofrem dos mesmos defeitos que nós sofremos; eles possuem, e com orgulho, as nossas melhores virtudes.

Zurich é (ou, pelo menos era, quando em tempo de paz a conheci) uma cidade tão sobrecarregada d'alemães que a gente, mal disposta, se recusa a reconhecer os seus reaes encantos. Lucerna e o lago dos Quatro Cantões são das mais belas coisas que existem na Suíça e no mundo. Ali, em torno d'esse lago d'aguas cinzentas, docemente sombrio, onde se refletem as montanhas imensas, é bem a paisagem suíça, característica, incomparavel e inolvidavel que os nossos olhos admiram. A' beira do Léman não se vêem os tão pitorescos *chalets* que os colecionadores de bilhetes postaes sabem de cór; as proprias montanhas, exceto entre Chillon e o Bouveret, estão distantes; a natureza abriu ali uma ampla clareira azul, cheia de sol, e, con-



Os rochedos de Naye

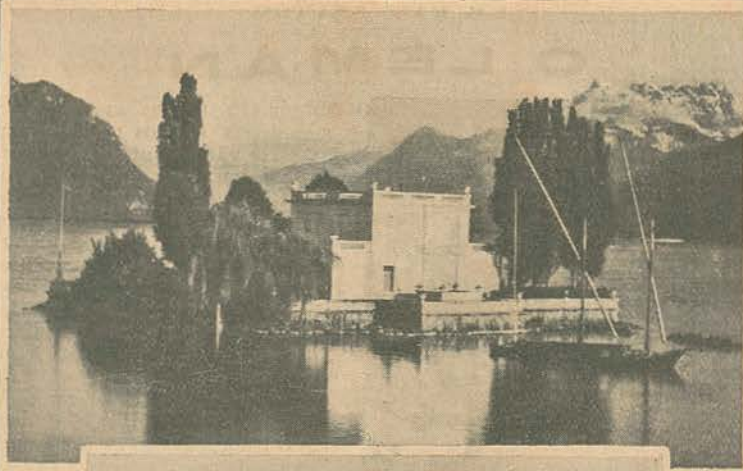
templando essas aguas maravilhosamente claras e esse limpido ceu debruado ao longe, como em espuma, pela neve eterna das cumiadas, é antes a evocação dos mares azues que conhecemos, o do Lido, o de Nice, o do Estoril, que vem ao nosso espirito.

O Léman é um lago alegre, d'uma doce e tranquila alegria. Eu nunca pude perceber porque o filosofo

Amiel, que aliás viveu perto d'ele a vida inteira, nol-o descreve como d'uma serena tristeza «onde as montanhas e as nuvens refletem a sua monotonia e a sua fria palidez». Melhor o reconhecimento na bela descrição de Gautier:

«O mais belo ceu de verão — diz ele — é seguramente menos puro e menos transparente. O cristal de rocha, o diamante, não são mais limpidos que esta agua virgem que desce das geleiras visinhas... A gente pergunta-se se é agua do ceu ou a bruma azul da d'um sonho que tem diante de si... Muitas vezes só um barco, arrastando após ele a sua sombra de um azul escuro, nos adverte de que aquilo que tomamos por uma entreaberta de ceu é um pedaço de lago. As montanhas tomam tons inimagináveis, cinzentos de prata ou de perola, côres de rosa, d'hortensia e de lilás, azues cinereos como os tetos de Paulo Veroneso...»

Neurastenicos de todos os paizes, homens cansados das lutas da paz e das lutas da guerra, intoxicados de corpo e alma, sequisos do ar puro, avidos da serena paz da natureza: á beira do Léman encontrareis como em nenhuma outra parte do universo a alegria



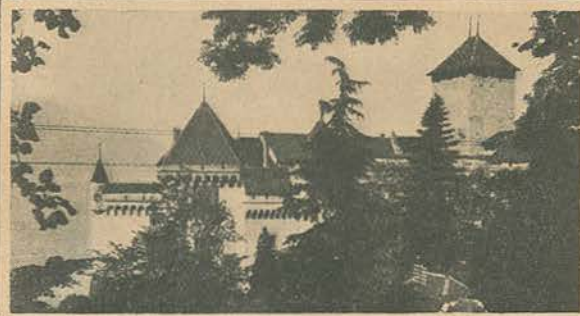
1. Ile de Salagnon et Dent du Midi
2. Montreux, Clarens e Vevey, vistos de Gilon

tranquila que vos falta, a saúde dos vossos nervos. Os mais agitados ali repoisam, os mais perversos ali se regeneram. Se é verdade que o diabo alguma vez se fez eremita, foi por certo por aqueles sitios que tal acõteceu.

Jean-Jacques Rousseau, que não era precisamente o diabo mas que tinha com Sua Maldade afinidades que as boas almas nunca deixaram de notar, n'uma pagina das *Confissões* escreveu isto: «Quando a minha imaginação se inflama com o ardente desejo d'essa vida feliz e doce que me foge e para a qual nasci, é sempre nas terras de Vaud, perto do lago, nos campos encantadores, que ela se fixa. Preciso absolutamente d'um poisar á beira d'este lago, não d'outro; preciso d'um amigo certo, d'uma mulher amavel, d'uma vaca e d'um barquinho. Só quando tiver tudo isso gosarei d'uma felicidade perfeita.»

Mas mesmo sem poisar, sem amigo, sem mulher, sem vaca e sem barquinho será doce, n'estes perturbados tempos de guerra, poder gosar a paz aii.

Paulo Osorio



Castelo de Chillon



Barca do lago Léman

(Clichés Perrochet & David, Lausanne).

O ministro do trabalho no Norte

O ilustre ministro do trabalho, sr. Antonio Maria da Silva, que com tanto interesse acompanha as aspirações das nossas grandes regiões agrícolas, foi no principio d'este mez de visita ao norte, onde teve o entusiastico acolhimento que por todo o paiz os povos sempre lhe dispensaram.

O termo da sua visita foi a Regua, a laboriosa e importante vila do Douro, que tanto tem trabalhado para o engradecimento do seu concelho em especial, defendendo ao mesmo tempo os melhores interesses regionaes. Vieram esperar o ministro a 5 kilometros de Mo-

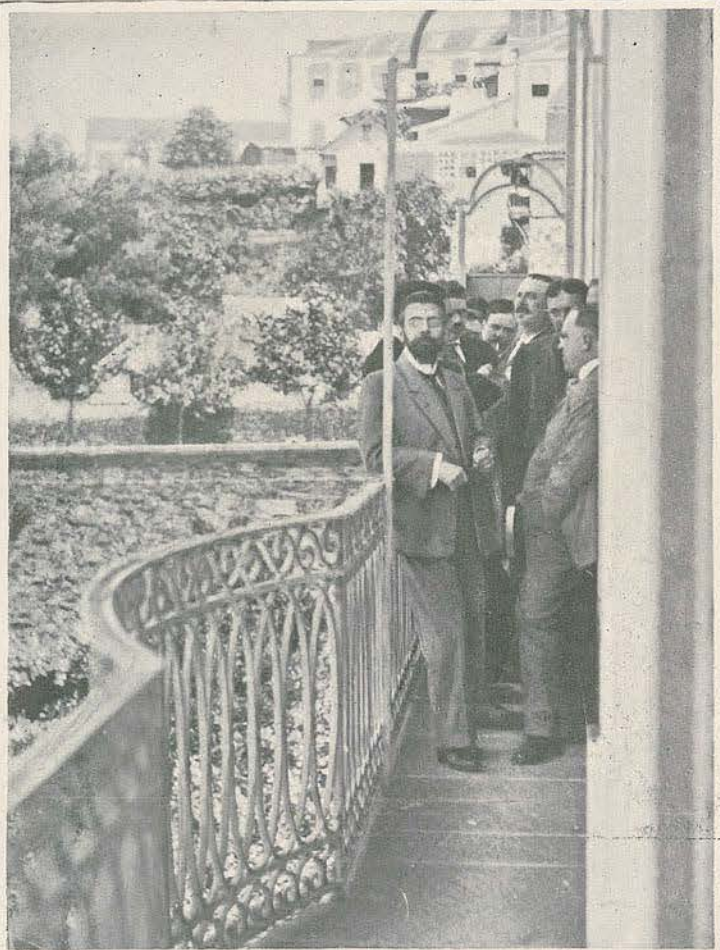


A chegada do Sr. Antonio Maria da Silva á Camara Municipal da Regua, onde foi muito cumprimentado (Cliché do distinto fotografo amator sr. A. J. Rodrigues).

ledo os srs. Antão de Carvalho, presidente da Camara Municipal da Regua, Jeronimo de Matos, João da Siva Bonifacio, administrador do concelho, Napoleão de Pinho Valente e o dr. Bernardino Zagalo, esse bemerito propugnador dos progressos da Regua, que dedica á questão agricola do seu concelho os seus mais inteligentes e devotados esforços. Pena foi que o automovel em que vinham estes srs. soffesse um desastre, resultando para todos eles lesões mais ou menos graves, de que felizmente vão melhores. Se não fosse este incidente, a viagem do sr. Antonio Maria da Silva á Regua seria uma idas mais



Almoço oferecido ao sr. ministro do trabalho, vendo-se ao centro este sr., á esquerda o senador sr. Jeronimo de Matos, sr. Camara Pestana, diretor geral da agricultura, e o sr. dr. Bernardino Zagalo, e á direita o sr. governador civil de Vila Real e outros convivas.—(Chiaré do distinto fotografo sr. Joaquim Maximo de M. Araujo)



brilhantes e mais coroadas de manifestações festivas.

Entretanto, o ilustre estadista teve ocasião de apreciar bem quanto a sua presença era animadora para aqueles povos e a confiança que eles tinham no seu grande espirito de justiça e alto criterio administrativo, para que a Regua visse um dia realizadas as suas mais legítimas aspirações.

No seu regresso ao Porto o sr. Antonio Maria da Siva tambem foi alvo de calorosas e geraes provas de consideração, recebendo além d'isso no hotel, onde se hospedou, a visita de muitos amigos e correligionarios. No dia 4 foi assistir ao lançamento da primeira pedra para o sanatorio maritimo do norte, em Valadares, havendo por essa ocasião uma festa que, devido á presença do ministro, resultou imponente.



1. O sr. ministro do trabalho n'uma das varandas da Camara Municipal da Regua.—2. O automovel que conduzia os srs. Antão de Carvalho, dr. Bernardino Zagalo, João da Silva Bonifácio, Jeronimo da Cruz Matos e Napoleão de Pinho Valente e que se voltou, caindo de uma ribancelra, que o sinal + indica. Todos estes senhores ficaram bastante feridos, morrendo o *chauffeur*, de nome Antonio Padua.—*Archs* do distinto photographo amador sr. Antonio José Rodrigues.

CORTEJO EM HONRA DE CAMÕES

Em homenagem á memoria de Camões, o grande epico portuguez, realisou-se, como em anos anteriores, um luzido cortejo, no qual se incorporaram todas as classes sociaes de Lisboa. Pelas ruas de transito e pelas janelas era enorme a multidão, que, em seu entusiasmo que por vezes tocou as raias do delirio, vitoriou as bandeiras dos paizes aliados



na sua passagem, despejando sobre elas milhares de flores.

Os carros allegoricos que tomaram parte n'aquella grandiosa manifestação, cujas decorações foram feitas por alguns dos nossos mais estimaveis artistas, mereceram a admiração do publico pela sua concepção.

O sr. presidente da Republica e o chefe do go-

Carro de homenagem ás nações aliadas, conduzindo as respectivas bandeiras em trofeu.



Carro da Sociedade de Geografia, obra do cenografo Eduardo Reis



Um dos carros da Associação de Agricultura, obra do cenografo Salvador



Carro da Cidade, obra do arquiteto municipal sr. José Alexandre Soares

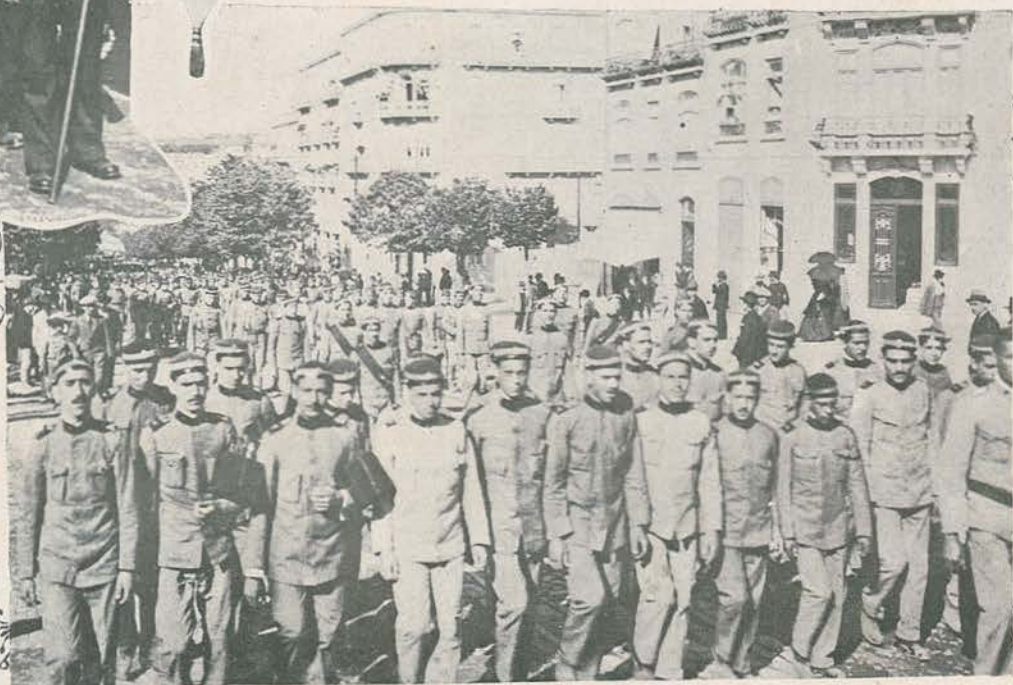


Carro da Associação Commercial, obra do cenografo Augusto Pina



O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, o chefe do governo, sr. dr. Antonio José d'Almeida, e o ministro da marinha, sr. Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, assistindo ao lançamento de flôres pelos estudantes no pedestal da estatua do nosso grande epico.

verno tambem se associaram á homenagem, tendo ido depositar lindas rosas no monumento do principe dos poetas portuguezes, cujo pedestal ficou juncado de flôres, que os estudantes ali acumularam.



2. O estandarte de uma associação que se incorporou no cortejo—3. Os alunos da Instrução Militar Preparatoria no cortejo (Clchés Benollel).

FIGURAS E FACTOS

Yuan-Chi-Kai. — Faleceu o presidente da Republica Chinezã, o general Yuan-Chi-Kai, que, tendo sido um dos grandes esteios da monarchia do Celeste Imperio, se fez proclamar presidente da republica, espregitando o momento azado para restabelecer a monarchia e fazer-se imperador. Não chegou a realizar o seu ultimo sonho.



O general Yuan-Chi-Kai, falecido presidente da Republica Chinezã



O general Li-Yuan-Hung, novo presidente da Republica Chinezã

Li-Yuan-Hung. — Foi proclamado presidente da Republica Chinezã o general Li-Yuan-Hung, republicano de grande valore e um dos revolucionarios que mais se evidenciaram no derrubamento das velhissimas tradições da China. Muito ha a esperar da energia e intelligencia do novo presidente, que é altamente estimado em toda a Republica.



O sr. dr. José Roberto Macedo Soares

Dr. José Roberto Soares. — O sr. dr. José Roberto de Macedo Soares, adido á embaixada do Brazil em Lisboa, nos quatro mezes de permanencia que conta entre nós, gosa já de ótima situação de simpatia e consideração no mundo official e na nossa melhor sociedade, pelo seu talento, illustração e afabilidade de trato.

Dr. Marcelino de Mesquita. — Este illustre escritor e dramaturgo muito distinto obteve mais um enorme exito com a sua nova peça «Pedro, o Cruel», em cena no Teatro Nacional.

E' uma peça de grande valor historico e literario, que a respetiva companhia representa com correção in-excedivel.



O sr. dr. Marcelino de Mesquita



O pinheiro do hospital

Conhecido por este nome existe em Vizeu um enorme pinheiro, contando muitos seculos e que de longe nos parece dominar a cidade como uma sentinela colossal. junto ao chão mede 8^m,2 de circumferencia e a altura, desde a base até aos ultimos ramos, está calculada em 30 metros. Com estas dimensões não ha talvez nenhum no pinhal de Leiria. Mas o pinheiro do hospital está a morrer de velhice e quem o contempla na agonia sen-

te uma profunda magua, como se perdesse um velho amigo. O distinto farmaceutico sr. Manuel Vieira da Fonseca, da Misericordia de Vizeu, que é tambem um fotografo amator de grandes meritos artisticos, lembrou-se de fotografar a veneranda arvore antes d'ela morrer, para que o seu vulto saudoso ficasse registado na *Illustração Portuguesa*.

Muito lhe agradecemos.

A GRANDE FABRICA DE CIGARROS E BENEFICIAMENTO DE TABACOS «GIRAFÁ»

E' de portuguezes a importantissima fabrica *Girafa*. O Estado do Pará deve orgulhar-se de possuir um estabelecimento industrial digno de ser visitado, por ser, talvez, a mais completa montagem no genero que exista no Brazil.

O chefe da firma é o sr. José Nicolau Soares da Costa. E' a perseverança aliada á intelligencia. O instinto pratico da vida dando as mãos a um caracter de tempera rija. A audacia de braço dado com o bom senso. O desejo de fazer respeitado o bom nome portuguez em terras que portuguezes foram.

Só vendo essa instalação perfeita se acredita que a *Girafa*, que é a contraposição feliz e inspirada do *Veado*, também importantissima fabrica de cigarros do Rio de Janeiro, possa ser, já hoje, uma fabrica admirada por estrangeiros e gabada pelos nacionaes com a percepção nitida de que no dia em que o Brazil se bastar a si mesmo jámais escalará seus portos a ganancia extremada dos exportadores europeus, que nada teem de comum, nem fisica nem moralmente, com a civilização néo-latina dos brazileiros. E' que faz bem aos olhos e alegra a alma ver a perfeição mecanica que atingiu a manufactura do tabaco no Brazil.

Imagine-se um maquinismo delicado, silencioso, espelhante, pegando d'uma bobina, estreitissima, de papel branco, assetinado, ligando á ponta uma capa, tenuissima, de cortiça, branda, imprimindo ao mesmo tempo a marca do fabrico, envolvendo, depois, uma quantidade, matematica, de fio de tabaco, e lançando o cigarro pronto a ser fumado com delicadeza e brilho! Essa maquina parece um brinquedo de creanças, que uma creança basta para a manejar, dando por dia fórma e vida a



O sr. José Nicolau Soares da Costa, fundador e chefe da firma

250.000 cigarros de impecavel estetica e saboroso fumo. E tudo isto sem atropelo, bem calculado, dando essa dinamica uma lição vivida do quanto podem o metodo, a organização, a disciplina.

D'esta maquina passemos a outra, menos simples, sem por isso deixar de impôr-se. Move varios receptaculos de folha que mais parecem alcatruzes. Faz diariamente 25.000 pacotes de tabaco de 25 gramas cada, com presteza igual á do fumador impenitente ao enrolar um cigarro com a cabeça dos dedos. Vejamos outra: esta beneficia diariamente 3.600 kilos de tabaco de Bragança, região flores-



O sr. Benjamin José d'Araujo, socio da firma

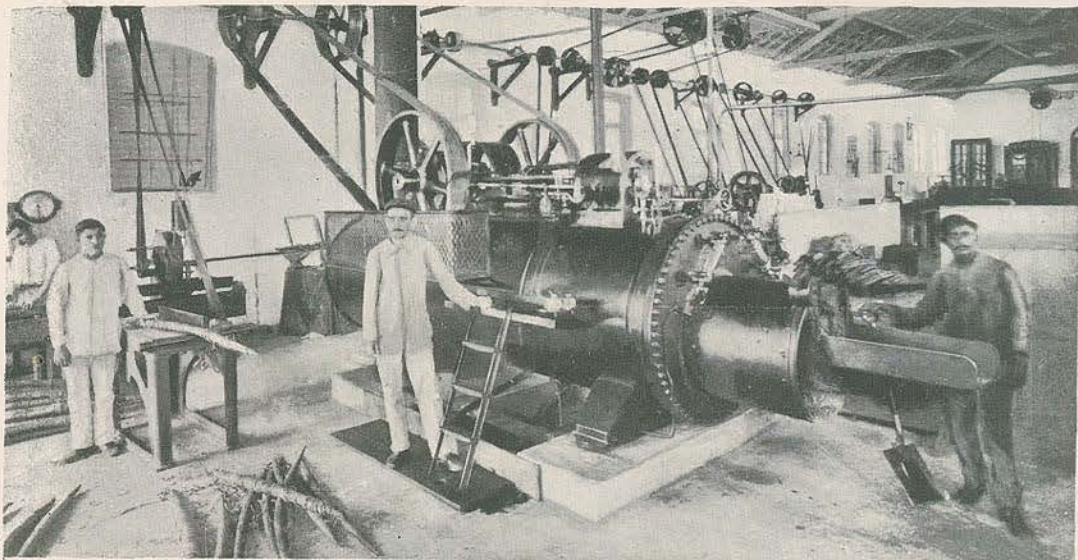


O sr. Daniel Peretra Alves, gerente e socio da firma

centissima que fica distante da capital. Escusado será dizer que foi fundada por portu-



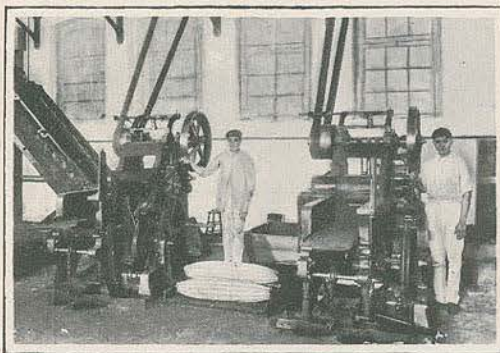
Edifício proprio da fabrica Girafa



Locomovel e maquina de serrar a tãnica (envoltura do tabaco em molhos)

guezes que batísaram as cidades do Estado do Pará e Amazonas com nomes bem nossos: Vizeu, Obidos, Aveiro, Santarem...

Outra maquina extrae o veneno da nicotina em favor da laringe do proximo. Ainda outra, possantissima, envolve fardos de tabaco e mais, muitas mais, fabricam por dia 5:000 latas de cigarros para seringueiro, com o feitio bizarro das lanternas modernas de guarda noturno. E' para os colhedores do fa-



Maquina de grande alcance para a migação do tabaco em folha, prancha ou molho, migando 3.000 kilos em dez horas

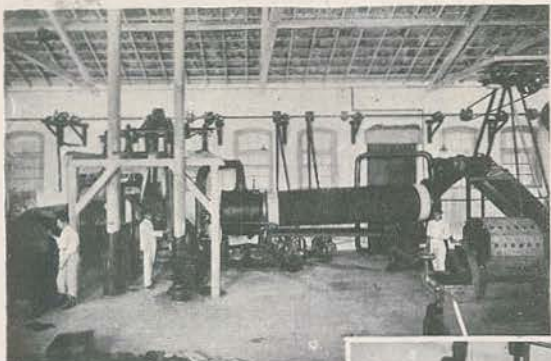
moso *latex* encontrarem os cigarros sempre frescos e poderem trazel-os no bolso tra zeiro das calças aonde metem este mundo e o outro.

Convido o leitor a subir ao vastissimo sobrado onde estão instaladas as oficinas do sexo fragil—fragil no termo, que a maioria tem força de arrancar tóros e rosto de ameiga homem.

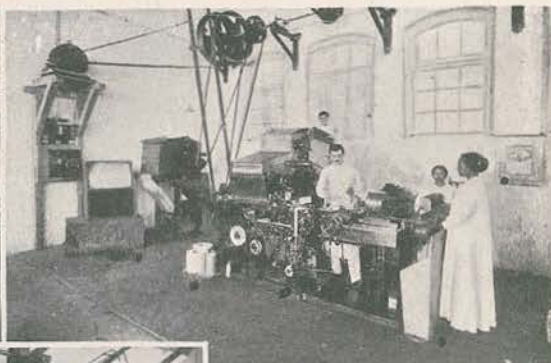
São cem mulheres vestindo blusas brancas, amplias. De mãos lavadas e macias encarteiram cigar-



Uma das secções de cartonagem e embalagem dos cigarros em cartelas e em latas



Estufa automatica para secar e desfiar o tabaco depois de migoado e lavado com peneiras mecanicas para a extracção do pó do tabaco e ventiladores para o esfriamento



Maquina de fazer cigarros que produz duzentos e cinquenta mil por dia

ros de luxo. Algumas tem dedos que parecem fusos de tear, ligeiros, m vediços. Ha tipos de todas as raças. Pele de indio de bronzea cõr e olhos resignados de mestiça. Devem ter sido assim os olhos de Iracema. Ha rostos brancos de epiderme fina e cabelos herdados de viajantes loiros. Vi beiços grossos dos tempos coloniaes e labios rosados de bocas apetitosas. Vi de tudo para



Extracção da nicotina

variari. E, no meio d'essa flora esquisita, o gerente, o Daniel, dá ordens, diz coisas, com a indiferença propria de quem já não sabe distinguir o trigo do joio...

... precisamente o contrario dos bons fumadores que preferem um cigarro *Girafa* a qualquer outro bicho... No que fazem bem, concordo.

Pará, maio 1916.

José Simões Coelho



O pessoal feminino da fabrica e empregados superiores